



**TELECONFERÊNCIA NACIONAL
ITAÚ UNIBANCO HOLDING S.A.
Resultados do Primeiro Trimestre de 2011
04 de Maio de 2011**

Operadora: Bom dia. Obrigada por aguardarem. Esta é a teleconferência do Itaú Unibanco Holding S.A. em que serão discutidos os resultados do primeiro trimestre de 2011.

Todos os participantes estão conectados apenas como ouvintes e mais tarde será aberta a sessão de perguntas e respostas, quando serão dadas as instruções para os senhores participarem. Caso necessitem de assistência durante a teleconferência, teclem “asterisco zero”. Cabe lembrar que esta teleconferência está sendo gravada e transmitida simultaneamente pelo site de relações com investidores www.itaú-unibanco.com.br/ri. Os slides desta apresentação estão disponíveis no site.

Antes de prosseguir, esclareço que eventuais declarações feitas durante esta teleconferência sobre as perspectivas dos negócios, projeções e metas operacionais e financeiras são meras previsões, baseadas nas expectativas da administração em relação ao futuro do Banco. Estas expectativas são altamente dependentes das condições do mercado, do desempenho econômico geral do país, do setor e dos mercados internacionais. Portanto, estão sujeitas a mudanças.

Conosco hoje em São Paulo estão os senhores **Alfredo Egydio Setubal**, Diretor de Relações com Investidores; **Sérgio Ribeiro da Costa Werlang**, Vice-Presidente Executivo de Controles de Riscos e Financeiro; **Caio Ibrahim David**, Chief Financial Officer; **Rogério Calderón**, Diretor de Controladoria Corporativa e Relações com Investidores; **Marco Antunes**, Diretor de Contabilidade; e **Rodolfo Henrique Fisher**, Vice-Presidente do Itaú BBA.

Inicialmente o Sr. Alfredo apresentará os resultados do primeiro trimestre de 2011. Depois os executivos responderão às questões formuladas por telefone ou e-mail.

Agora eu passo a palavra ao Sr. Alfredo Setubal.

Sr. Alfredo Setubal : Bom dia a todos. É um prazer estar novamente aqui com vocês para fazer a apresentação dos nossos resultados do primeiro trimestre. Foi um trimestre muito bom para o banco em termos de resultados e retornos, vamos detalhar todo esse resultado nas próximas telas que vamos apresentar.

Para aqueles que estiverem seguindo pela Internet começamos pela tela número 2, com os destaques. O primeiro deles é o resultado, o resultado recorrente de R\$ 3,638 bilhões nesse primeiro trimestre, o que significa um retorno anualizado de 23,4% sobre o patrimônio líquido e mostra uma evolução de 7% quando comparamos com o quarto trimestre de 2010. O crescimento da carteira de crédito é o segundo destaque. A carteira atingiu R\$ 344,9 bilhões, com crescimento de 3,4%



nesse trimestre em relação a dezembro, 21,9% quando comparamos os últimos doze meses. Um crescimento bastante forte, mostrando que a economia continua bastante aquecida e o Itaú Unibanco continua apresentando crescimento acima do crescimento do mercado. O terceiro destaque é a margem financeira com os clientes e receitas de prestação de serviços. A nossa margem financeira alcançou R\$ 10,8 bilhões, um crescimento em doze meses de 17,2%. As receitas de prestação de serviços de R\$ 4,467 bilhões, um crescimento de 11% nesse trimestre quando comparamos com o quarto trimestre de 2010.

No slide número 3, o índice de inadimplência. O índice de inadimplência de 90 dias continuou estável em relação ao último trimestre do ano passado. Ele apresentou ainda uma pequena melhora quando comparamos com março de 2010, isso muito em função do *mix* de carteira que temos e o crescimento em carteiras que apresentam menos perdas, como o crédito imobiliário, veículos novos, por exemplo.

Nesse primeiro trimestre nós apresentamos uma mudança na maneira de mostrar a PDD, passamos a usar a metodologia da perda esperada. Olhando mais adiante, olhando os próximos trimestres, os próximos meses, entendemos que deve haver uma pequena deterioração da carteira de crédito em função da conjuntura, da alta da taxa de juros, das medidas macroprudenciais que o governo adotou, temos uma expectativa que algumas carteiras apresentarão um nível perdas um pouco superior ao que vinha apresentando historicamente nos últimos meses. Para isso fizemos provisões para créditos de liquidação duvidosa em R\$ 270 milhões dentro desse conceito da perda esperada. Com isso o resultado de crédito de liquidação duvidosa somou R\$ 3,2 bilhões nesse primeiro trimestre do ano, o que leva a um crescimento de 21,7% no trimestre e de 6,6% quando comparamos com março de 2010. Uma medida mais conservadora, uma forma mais moderna de ver e fazer as provisões para perdas ligadas a crédito, falaremos disso mais adiante. Com isso a provisão complementar para crédito de liquidação duvidosa subiu para R\$ 5,1 bilhões, acima do que a legislação do Banco Central exige.

O quinto destaque são as despesas não decorrentes de juros que se reduziram 8,1% nesse trimestre, com um saldo de R\$ 7,7 bilhões, mas ainda 19% acima do primeiro trimestre de 2010, como mostraremos adiante.

Na página número 4, alguns destaques, o produto bancário bastante estável quando comparamos com o último trimestre, uma queda de 1,2%, mas com crescimento de 12,1% sobre março de 2010. Créditos de liquidação duvidosa somaram R\$ 3,173 bilhões, um crescimento forte em relação ao mesmo trimestre do ano passado em função das novas formas de apresentar. As despesas não decorrentes de juros uma queda de 8,1% nesse trimestre, aspectos sazonais levam a essa queda, mas, de qualquer forma, continuamos trabalhando para que alcancemos o índice de eficiência de 41% no final de 2013. O lucro líquido recorrente com crescimento de quase 15% em doze meses e de 7% nesse primeiro trimestre em relação a dezembro.

Na página 5, a *net interest margin* de 11,7% mostra uma queda de 0,5 ponto percentual quando comparamos com o último trimestre do ano passado. As receitas

de serviços ficaram estáveis quando comparamos também com o último trimestre de 2010, também temos aspectos sazonais. O ROE mostrou um pequeno crescimento quando comparamos com o último trimestre do ano, e uma leve queda em relação ao primeiro trimestre do ano passado, mas ainda em níveis bastante bons, 23,4%.

Na página 6, os ativos, cresceram 3,7%, bastante influenciados pelo crescimento da carteira de crédito, crescimento de 21,9% quando comparamos com março de 2010, quer dizer, um crescimento bastante forte. Patrimônio líquido cresceu bastante em função de algumas mudanças de critérios contábeis e como as contas foram alocadas diretamente ao patrimônio. O patrimônio cresceu 4,7% nesse primeiro trimestre de 2011 quando comparamos com dezembro de 2010, e um crescimento de 20,3% quando comparado com março de 2010. O patrimônio hoje é de praticamente R\$ 64 bilhões, no encerramento de março de 2011. A carteira de crédito, como comentamos, teve um crescimento bastante forte, 3,4%, e os recursos captados de clientes continuam crescendo, 3,3% nesse primeiro trimestre.

Na página 7, podemos ver um pouco mais detalhadamente a abertura do resultado. Eu destaco a margem financeira com os clientes estável, nesse primeiro trimestre, e representando um bom crescimento quando comparamos doze meses, 17,2%. A margem financeira com o mercado apresentou queda tanto nesse primeiro trimestre em relação ao último trimestre do ano passado, de 23%, como em relação a março de 2010, mostrando uma operação com resultados mais concentrados nos resultados com os clientes – o que é positivo do ponto de vista da sustentabilidade do nosso negócio. Receita de prestação de serviço e tarifas bancárias, estável nesse primeiro trimestre e um crescimento de 11% em relação ao primeiro trimestre do ano passado. Seguros teve um resultado bem melhor nesse trimestre, um crescimento de 10,6%, atingindo R\$ 1,224 bilhão, em relação ao último trimestre do ano passado. Como comentamos, um crescimento mais forte das despesas de provisão para créditos de liquidação duvidosa, de 11,8% nesse primeiro trimestre, falaremos um pouco mais adiante. Recuperação de créditos baixados como prejuízo uma recuperação um pouco menor quando comparamos com o quarto trimestre de 2010, atingimos R\$ 1,207 bilhão nesse primeiro trimestre de 2011, contudo superior quando comparamos com o primeiro trimestre de 2010 onde a recuperação foi de R\$ 833 milhões, um crescimento de 44,9%, o que é bastante positivo na recuperação de créditos. As despesas no trimestre com um índice bastante bom, temos aspectos sazonais, mas de qualquer forma a queda foi bastante forte e esperamos continuar nessa tendência ao longo do ano, de maneira que a gente possa atingir, como eu comentei antes, o índice de eficiência de 41% que nós queremos atingir no final de 2013. Com isso tudo, o lucro líquido recorrente R\$ 3,638 bilhões, e um lucro líquido final, tirando aspectos não recorrentes, de R\$ 3,530 bilhões nesse primeiro trimestre de 2011, com crescimento de 9,1% em relação ao ano passado e uma queda de 9,3% em relação ao último trimestre do ano de 2010.

O total de empréstimos com avais e fianças atingiu R\$ 344,9 bilhões. O primeiro trimestre é mais fraco em termos de cartões de crédito, houve uma queda de 0,9% contra um crescimento de 21% quando comparamos com o primeiro trimestre de 2010. Em doze meses o mercado de cartão de crédito continuou bastante aquecido e bastante favorável, mas tradicionalmente o primeiro trimestre é um trimestre mais

fraco quando comparado a dezembro, em função, do Natal, das festas de final de ano, normalmente há uma queda quando comparamos o primeiro trimestre com o quarto trimestre. Crédito pessoal continua aquecido, um crescimento forte nesse primeiro trimestre, 12,4%. Veículos já sofreu um pouco mais em função das medidas macroprudenciais do governo, uma queda de 0,4% no período nesse primeiro trimestre. Crédito imobiliário continua aquecido, um crescimento de 15% no primeiro trimestre só no que diz respeito às pessoas físicas, e um crescimento ainda bastante forte também quando vemos os números de empréstimos ligados às incorporadoras e às empresas imobiliárias. Na parte de pessoa jurídica um crescimento importante, principalmente ligado às grandes empresas, 4,2%, e um crescimento ainda forte no segmento de micro, pequenas e médias empresas de 3,5%, atingindo um crescimento de 28,8% quando comparamos o primeiro trimestre de 2011 com o primeiro trimestre de 2010. São segmentos que nós temos atuado com maior ênfase, que é de micro, pequenas e médias empresas, e que continuam com a demanda bastante aquecida e bastante forte nesse início de ano de 2011.

Na página 9, mostramos os indicadores de crédito, a inadimplência média continua nos níveis de 4,2% nos últimos três trimestres. Na parte de pessoas físicas uma pequena melhora de 5,8% para 5,7%, e uma pequena deterioração na área de pequenas e micro empresas onde o índice composto total de pessoas jurídicas subiu de 2,9% para 3,1%. Com todas as provisões que foram feitas nós atingimos um total de R\$ 22,2 bilhões no saldo de provisão para créditos de liquidação duvidosa, sendo que desse total R\$ 5,1 bilhões são relativos a provisão complementar, incluído aqui o modelo adotado de perda esperada que anunciamos nesse trimestre. Nessa página, também vemos que o índice de cobertura de 173% continua bastante forte para perdas de 90 dias, que é bastante folgado para o momento econômico que estamos vivendo. O *write off* das carteiras das operações de crédito atingiram R\$ 4,159 bilhões nesse primeiro trimestre de 2011.

Na página 10 vemos a evolução das despesas de provisão para créditos de liquidação duvidosa, que totalizou R\$ 4,380 bilhões no encerramento do primeiro trimestre de 2011, incluindo a constituição de provisão de despesas complementares relativas às perdas esperadas no valor de R\$ 270 milhões. Índices bastante confortáveis que temos em relação ao total da nossa carteira e ao total de provisionamento que temos, mostra uma situação bastante tranquila do Banco com relação a uma pequena e esperada deterioração da carteira de crédito. O resultado de PDD sobre a margem com clientes 26,9% no trimestre em função dessa previsão adicional, subiu em relação ao 24,1%, mas muito abaixo dos picos de 2009, quando esses índices atingiram 41% praticamente. Tudo mostra uma situação bastante tranquila dos nossos níveis de provisionamento e da nossa carteira de crédito.

No slide 11, o total dos recursos do Banco, incluindo aqui todas as operações e também os recursos de clientes na parte de fundos de investimento e carteiras administradas, reservas técnicas e tudo o mais, além dos depósitos, um total de R\$ 1,057 trilhão. A parte de depósitos e fundos apresentou um total de R\$ 810,4 bilhões nesse período.



Na página 12, as receitas de prestação de serviços e rendas de tarifas bancárias ficaram praticamente estáveis, uma pequena queda quando comparamos com o último trimestre de 2010, contudo com um crescimento de 11% quando comparado com o primeiro trimestre de 2010. Acho que aqui não temos grandes comentários para fazer, as quedas maiores são ligadas aos serviços de conta corrente.

No slide 13, as despesas não decorrentes de juros apresentaram uma queda bastante grande em relação ao último trimestre do ano passado. As despesas com pessoal ficaram praticamente estáveis, apesar de nós termos aumentado 1,8 mil pessoas no quadro de colaboradores nesse período, número vinculado à expansão dos negócios na área de micro e médias empresas, a expansão e, ainda, a abertura de novas agências de varejo pelo Itaú Unibanco. Os números mostram alguns ganhos, evidente que têm aspectos sazonais, como comentado, o primeiro trimestre normalmente é um trimestre que têm menor nível de despesa, mas de qualquer forma continuamos trabalhando fortemente para melhorarmos o nosso índice de eficiência.

Na página 14, vemos que o índice de eficiência nesse primeiro trimestre de 47,8% e nos últimos doze meses de 49,5%. Continuamos com o nosso objetivo, como eu comentei, de atingirmos 41% no final de 2013. Ao longo dos próximos anos vamos trabalhar para que possamos atingir esse indicador de eficiência.

Na página 15, temos um índice de Basileia bastante alto de 16,1%, bem acima dos mínimos requeridos pelo Banco Central. Está pendente a aprovação pelo Banco Central uma emissão de dívida subordinada no montante de R\$ 2,6 bilhões, e se isso já tivesse sido aprovado nesse primeiro trimestre, esse índice de Basileia estaria em 16,6%. Nós temos uma base de capital bastante sólida e tranquila para fazer frente ao crescimento da carteira de crédito que nós visualizamos para este ano e para os próximos anos em função do desempenho da economia brasileira.

Na página 16, apresentamos de forma gerencial “pro forma” os destaques dos quatro grandes segmentos do Banco. Vemos que nesse trimestre dos R\$ 3,6 bilhões de resultados recorrente, R\$ 2,3 bilhões vieram do Banco Comercial, R\$ 665 milhões da operação do Banco Itaú BBA (Banco de Atacado e Banco de Investimento), R\$ 425 milhões das operações com crédito ao consumidor, e a tesouraria mais aplicação do excesso de capital com R\$ 218 milhões. Essa seria a divisão do resultado nesse primeiro trimestre, o capital alocado, o retorno, o RAROC para cada um desses segmentos, enfim, mostrando que estamos com resultados com clientes e a operação bastante sólida.

Para encerrar, na página 17, a nossa capitalização de mercado de R\$ 175 bilhões, um pouco abaixo dos R\$ 179 bilhões no final do ano de 2010, em função de um desempenho mais fraco da BM&FBovespa nesse primeiro trimestre do ano.

Com isso encerramos a apresentação e estamos aqui abertos todos nós para as perguntas que vocês quiserem fazer.

Sessão de Perguntas e Respostas

Sr. Jorg Friedmann (Merrill Lynch): Obrigado pela oportunidade, bom dia a todos. Eu tenho na verdade duas perguntas. A primeira é em relação à margem financeira (NIM). A gente percebeu uma redução no trimestre, como foi comentado, ao mesmo tempo o que me chamou mais atenção foi na parte de resultado com clientes sensíveis a *spread*, onde teve uma redução de um pouquinho mais de 2% no trimestre a despeito não só do crescimento da carteira, mas também do comentário feito no *release* do aumento do *spread* das novas operações. Eu queria entender um pouco qual que é o grande motivo que levou essa parte dessa operação apresentar um resultado menor, se especificamente vocês estão vendo o aumento do custo de *funding*, não só se dando através do aumento da taxa de juros, mas também através do aumento do *spread* e de CDI em função da captação. Como a gente percebe o depósito a prazo tem aumentado mais fortemente para suprir talvez até o crescimento mais fraco do depósito à vista. Eu gostaria de entender primeiro esta questão da margem. A segunda pergunta em relação à evolução da qualidade da carteira, eu vi nos últimos dias algumas notícias relacionadas à expectativa de deterioração que vocês esperam, uma deterioração pequena em torno de 30 *basis points* no NPL de 90 dias. Eu só gostaria de entender como vocês veem essa evolução ocorrendo? Eu percebi nesse trimestre uma pequena deterioração na parte de segmento *corporate*, mas ao mesmo tempo a gente espera neste ano que o BNDES desacelere um pouco o crescimento. Será que isso pode compensar um pouco esse movimento e você conseguir uma qualidade um pouquinho melhor no *corporate*, suprimindo então uma deterioração na pessoa física, que é esperado ao longo do ano? Obrigado.

Sr. Rogério Calderón (Itaú Unibanco): Bom dia. Eu vou começar pela margem então, você perguntou do *net interest margin*, de fato nós apresentamos uma redução de 50 *basis points* nesse trimestre quando comparado ao quarto trimestre. Isso não está relacionado a nenhum custo adicional de captação, pelo contrário, na originação os *spreads* são de fato maiores, acontece que você tem a dinâmica da carteira. A carteira é formada por muitas safras, as safras mais antigas têm um patamar mais alto de *spreads*, e depois elas vieram baixando até pela mudança do *mix* que nós deliberamos fazer ao longo do ano passado especialmente, você acompanhou bastante isso. De dezembro para cá, a partir das macroprudenciais, a partir da expectativa maior de inflação e das várias medidas tomadas o *spread* se elevou e na originação ele é maior. No entanto, pela dinâmica da carteira há essa oscilação, uma oscilação muito pequena de fato, 50 *basis points* em relação ao nosso *net interest margin*, é uma oscilação pequena, e ela já ocorre normalmente, nos últimos dois anos se deu a mesma coisa, entre 30 e 40 *bps*. Há um efeito, do ponto de vista de *mix*, talvez o que a gente possa destacar e que facilita o entendimento, há um impacto grande no que se refere ao cartão de crédito. Há uma redução grande da contribuição que o cartão de crédito dá quando se compara o quarto trimestre com o primeiro trimestre e o cartão de crédito entra nessa conta com um patamar mais elevado de *spreads*, então ele joga uma boa parte desse movimento, mas é um movimento natural. A nossa expectativa, não olhando o *net interest margin*, mas olhando a margem com clientes é que essas oscilações sejam

compensadas pelos volumes, e de fato foram - a margem oscilou muito pouco em valor total, a margem financeira com clientes, quando você olha a margem como um todo a oscilação maior vem da margem com o mercado e não com clientes. Com relação à qualidade da carteira, de fato o que nós estamos observando é que ainda não existe deterioração nos níveis de perda incorrida, nos níveis que são capturados pela resolução 2682, isso você verifica no NPL e verifica no próprio comportamento da nossa provisão de acordo com a regra do Banco Central. No entanto, quando nós olhamos os movimentos que vem, e isso aparece em alguns indicadores, mais especialmente aparece no indicador de vencidas de 31 a 90 dias já aparece um aumento. Nós mostramos no MD&A ele aumenta de 2,3% em dezembro para 2,9% em março. Isso com o passar do tempo deve se configurar também o impacto no NPL, como o nosso método de cálculo da provisão está baseado na perda esperada desde a mudança que nós fizemos em 31 de dezembro (até ajustamos o excesso que havia de provisão), desde então nós ajustamos a provisão de acordo com a perda esperada. O que nós fizemos foi destacar o valor que impacta a perda esperada e que não está capturada no que diz a resolução 2682, apresentamos esses R\$ 270 milhões no MD&A para essa análise comparativa que se possa fazer. De fato então nós vemos essa deterioração na carteira, é uma deterioração pequena, aliás, já anunciada nos *calls* que a gente fez anteriormente, fruto do momento macroeconômico. Enfim, a inflação se eleva, ela entra agora em um patamar mais alto, com as medidas do Banco Central devem voltar para um patamar dentro da faixa superior da meta, mas deve fechar o ano dentro da meta e isso deve fazer com que o movimento de inadimplência cresça ainda um pouco no primeiro semestre, mas devolva um pouco já a partir do segundo semestre. Eu só queria ressaltar que são movimentos que nós já tínhamos antecipado, eles determinam não só nossa política de provisionamento, mas também a nossa política de precificação, de risco, nós nos movemos em função dessa antecipação dos movimentos de mercado, do que a gente enxerga, e não é nada dramático, nós estamos falando de um movimento normal nas circunstâncias macroeconômicas.

Sr. Jorg Friedmann (Merrill Lynch): Obrigado, Rogério. Eu concordo, a gente também até tinha grande parte disso já refletido nos nossos números, mas apenas para fazer um *follow-up* ainda nessa questão, não houve de fato uma deterioração no NPL de 90 dias, mas poderia ter havido caso o *charge-off* não tivesse aumentado 24% no trimestre. Houve algum motivo específico para o *charge-off* aumentar um pouco mais nesse trimestre? E como vocês veem a cobertura evoluindo ao longo desse ano? Vocês já haviam falado que deveria cair um pouquinho, ela recuou um pouco esse trimestre, mas tem algum patamar que vocês antecipam que a cobertura possa chegar até o final do ano? Obrigado.

Sr. Rogério Calderón (Itaú Unibanco): Não, o movimento do *charge-off* é um movimento normal, de fato teve um pouco mais nesse trimestre do que nos anteriores, mas ainda é fruto dos movimentos das safras anteriores. Com relação à a diferença de cobertura foi eu acho que de 177% para 173%, então do nosso ponto de vista a cobertura está igual e nós não temos o volume de cobertura não é o *driver* da nossa decisão de provisão - o que determina a nossa provisão são os modelos de perda esperada que a gente tem, a cobertura da provisão acaba sendo uma resultante desse movimento e ele ficou estático, a nosso ver.

Sr. Jorg Friedmann (Merrill Lynch): Ok, obrigado.

Sr. Marcelo Telles (Credit Suisse): Bom dia a todos os senhores, obrigado pela oportunidade. Eu tenho duas perguntas, a primeira ainda explorando um pouco mais a pergunta do Jorg. No caso da NIM a gente viu que, sem dúvida, a performance de vocês na NIM na verdade a redução foi muito maior do que se viu nos dois outros bancos que reportaram agora. Eu queria saber se você teve algum segmento específico que possa ter levado a isso? Porque realmente a diferença é bem grande, principalmente que chama a atenção. E também qual é a expectativa de vocês para a NIM para frente, quer dizer, dado que os *spreads* aumentaram e você aos poucos com a nova originação vai originando *spreads* muito mais altos, vocês esperam que essa NIM possa vir a recuperar nos trimestres seguintes? A outra pergunta é em relação à qualidade da carteira. Realmente, a deterioração de vocês acabou sendo maior do que alguns dos seus comparáveis, embora ainda acho que melhor que o Sistema. Eu queria entender quais segmentos que apresentaram essa deterioração maior, e principalmente olhando a métrica de 30 a 90 dias. Obviamente quando a gente olha os dados do Banco Central deu para ver que veículos e crédito pessoal tiveram uma deterioração muito importante no primeiro trimestre. Eu queria saber se essa também é uma tendência no Itaú nesse segmento ou se teve algum outro segmento que explica essa piora, além, claro, do fator sazonal, todos sabem, mas parece que foi um pouco acima do que a sazonalidade explicaria?

Sr. Rogério Calderón (Itaú Unibanco): Marcelo, bom dia. Em relação à NIM o que gera essa diferença entre nós e os competidores é a composição da carteira. Você sabe, nós temos uma presença em cartões de crédito bastante relevante e quando se compara com os concorrentes bastante superior na composição da carteira, e isso faz com que esse impacto de sazonalidade seja maior para nós do que para os concorrentes. Inclusive, como desde a integração nós até nos movemos em cartão de crédito um pouco mais, inclusive move a nossa sazonalidade, ela cresceu um pouquinho mais em função disso. Até pelo mesmo motivo e pelo outro que você mencionou - que na originação os *spreads* são mais altos, esses dois movimentos são favoráveis ao crescimento da NIM, de fato. Do outro lado existem os movimentos das outras carteiras na composição da nossa NIM total. Nas pessoas físicas você sabe que está um crescimento muito grande no crédito imobiliário, e isso dá um movimento na NIM, ajustado pelo risco esse movimento não se nota, mas na taxa de juros ele se nota. Com relação às pessoas jurídicas houve um crescimento bastante grande no primeiro trimestre, já se vê nas grandes empresas, o Jorg até tinha mencionado anteriormente o BNDES, isso já se reflete um crescimento nas grandes empresas e isso também dá um impacto. Enfim, é uma conta bastante complexa. A nossa visão em suma é que a NIM deve recuperar um pouco ao longo do trimestre, como ela sempre recupera em relação a essa sazonalidade, mas da mesma forma que nós não vimos nenhuma redução expressiva da NIM no primeiro trimestre, essa recuperação também não será expressiva - ela volta aos patamares que nós estamos divulgando, já vimos bem estáveis divulgando. Depois você pergunta se há algum segmento que nós observamos essa deterioração. Eu mais uma vez insisto que a palavra "deterioração" é um pouco forte, é um movimento de aumento de inadimplência, um

movimento bem pequeno de fato, mas para destacar um segmento ela se verifica mais nos segmentos de micro e pequenas empresas. Mais uma vez eu ressalto que esses modelos determinam também os nossos movimentos de crescimento nas carteiras que nós focamos crescer mais. Você vai notar que o nosso crescimento nesse trimestre foi maior no crescimento de grandes empresas do que pequena e média, na composição inclusive, porque nós, antevendo essa situação, nos movemos menos nesses mercados de micro e pequenas empresas.

Sr. Marcelo Telles (Credit Suisse): Só complementando, Rogério, no lado de veículo, crédito pessoal, vocês notaram alguma deterioração? O dado do Banco Central de inadimplência de curto prazo mostrou um aumento bem forte, e isso é uma tendência que talvez se não é para vocês, talvez para bancos menores, mas no caso de vocês a tendência foi bem melhor que o mercado, você diria?

Sr. Rogério Calderón (Itaú Unibanco): Ele cresce também na pessoa física, nós vimos os dados do Banco Central, ele cresce também para nós. Se você olhar aquela curva de 31 a 90 dias, ela está destacada em pessoa física e jurídica. No caso de pessoa física mais uma vez entram os dois movimentos: você tem um aumento de inadimplência, mas você também tem um movimento da nossa carteira para produtos em que a inadimplência é menor, especialmente os crescimentos recentes de carteira imobiliária e de veículos. O movimento em veículos não está ligado a nenhuma queda de margem, o movimento em veículos está ligado, sim, a uma retração de volumes no trimestre fruto das macroprudenciais.

Sr. Marcelo Telles (Credit Suisse): Ótimo, muito obrigado.

Sr. Carlos Firetti (Bradesco Corretora): Bom dia a todos. Eu tenho duas perguntas simples. A primeira em relação a um movimento de cessão de crédito que vocês têm feito desde o quarto trimestre. Eu entendo que isso não tem efeito no resultado e nem nos índices de inadimplência porque são cessões de carteiras que estão performando, mas eu queria entender um pouco o tipo de crédito que vocês estão cedendo e se isso é uma tendência que vocês devem estar assumindo a partir de agora? E se tem um efeito positivo nos índices de Basileia de vocês, principalmente liberando capital, e eventualmente uma cessão sem coobrigação? E a outra coisa, se você pudesse dar um *update* em relação à duração dos créditos da contribuição social que estão mantendo a alíquota de vocês em 34%. Até quando vocês acham que vocês têm esses créditos ainda ajudando? Obrigado.

Sr. Rogério Calderón (Itaú Unibanco): Firetti, a segunda parte da pergunta eu não ouvi, eu vou pedir para você repetir, mas primeiro eu endereço a primeira parte. Não é um movimento de cessão, nada disso, é um movimento normal da nossa operação, tem pouquíssimas operações dessa natureza. Eu acho que foi, se bem me lembro, eu posso até olhar depois com mais detalhes para você, mas foram pouquíssimas e é alguma coisa reunindo créditos eu acho que de carteira imobiliária, vinculados à produtos específicos, não é nenhum movimento de gestão de nosso balanço. Você pode repetir a segunda pergunta, por favor?



Sr. Carlos Firetti (Bradesco Corretora): A segunda é em relação aos créditos da contribuição social que estão mantendo a alíquota em 34%? Até quando duram esses créditos na visão de vocês? Obrigado.

Sr. Rogério Calderón (Itaú Unibanco): É óbvio dizer que depende dos resultados, mas a nossa perspectiva é que seja suficiente para manter a taxa efetiva de imposto de renda no patamar que ela está nesse ano seguramente e em algum pedaço do ano que vem, mas no ano que vem nós já teremos o impacto no *effective tax rate* de evolução porque provavelmente o crédito que a gente tem não será suficiente para irrigar o ano todo de 2012.

Sr. Carlos Firetti (Bradesco Corretora): Tá bom, muito obrigado.

Sr. Fabio Zagatti (Barclays Capital): Oi, bom dia a todos. Desculpa se soar repetitivo, mas eu acho que eu queria fazer dois *follow-ups* no tema de qualidade de crédito e margem. Na qualidade de crédito eu queria confirmar que essa provisão adicional que o Itaú reforçou no trimestre cobre devidamente os riscos de inadimplência esperado pelo banco até esse limite de 4,5 de NPL que vocês estão esperando? E eu queria saber se vocês também poderiam detalhar quais as medidas que o banco vem tomando para endereçar a inadimplência de mais curto prazo? E que diante dos resultados dá a vocês esse nível de confiança de que a gente não está caminhando para um cenário mais catastrófico? E na margem eu queria entender, o *guidance*, a receita financeira líquida eu imagino que foi mantido informalmente em 15% de crescimento para o ano de 2011. Depois do primeiro tri isso implica em uma taxa de crescimento trimestral superior a 5% no segundo, terceiro e quarto. Quais são os riscos que vocês enxergam de ter que eventualmente rever esse *guidance* para baixo? Depois eu teria uma segunda pergunta, obrigado.

Sr. Rogério Calderón (Itaú Unibanco): Fabio, bom dia. Em relação à qualidade de crédito, nós temos plena confiança que os modelos de perda esperada nos dão número correto e ele captura o movimento que nós vemos hoje já dos 31 a 90 dias. Eu estou me referindo muito a esse indicador, mas o modelo não é esse indicador, o modelo leva em consideração vários outros, esse é o que é mais fácil a gente se referir diretamente a ele. Então temos confiança que o modelo nosso captura a necessidade adicional de complementação da provisão, ela foi feita em R\$ 270 milhões, conforme nós anunciamos, e isso no atual movimento que existe, que está detectado, que está antevisto é suficiente. E, sim, esses modelos são eficientes para determinar o nosso posicionamento em mercado também, o que nos protege de uma deterioração maior, a palavra que você usou "cenário catastrófico" está absolutamente fora de qualquer perspectiva. Nós não estamos falando em absoluto em nada disso, nós simplesmente com toda a transparência, a abertura que temos com vocês, já temos falado desde o final do ano que as condições macroeconômicas vão gerar um nível de inadimplência maior no ano, pequeno, mas nós convivemos com isso, antecipando isso você administra, e o banco gere os riscos que se apresentam. Com relação às margens nós não temos razão, absolutamente nenhuma razão para mudar quaisquer perspectivas nos nossos *guidances*. Estão mantidos os *guidances* de crescimento de crédito. Estão mantidos os *guidances* que levam implicitamente ao crescimento da margem nesse volume



que você falou, na medida em que nós anunciamos as despesas, crescemos de 10% a 13%, e anunciamos um índice de eficiência de 250 *basis points* de melhoria nesse ano, você chega nesses 15,9% que você mencionou agora, e nós não temos razões para desfazer nenhuma dessas nossas expectativas. Naturalmente nós falamos do mercado que existe hoje, outros movimentos podem trazer outras coisas e se isto acontecer nós iremos a tempo anunciar para vocês, mas a nossa expectativa é que não aconteça nada disso. O transcorrer do ano que nós estamos vivendo, as condições macroeconômicas são exatamente aquelas sobre as quais nós construímos o nosso modelo de negócios para este ano.

Sr. Fabio Zagatti (Barclays Capital): Perfeito Rogério. E só para entender, esse provisionamento adicional no primeiro tri cobre a perda esperada que o banco antevê se o NPL for para 4,5?

Sr. Rogério Calderón (Itaú Unibanco): A nossa provisão é baseada no modelo de perda esperada, toda perda esperada que o modelo antevê está nessa provisão complementar. Lembro que nós não temos provisão contra cíclica, nós só provisionamos aquilo que se verifica na nossa carteira, nada em relação ao que pode acontecer depois etc., isso não existe na nossa carteira. O que existe é uma provisão em relação à leitura da perda esperada, a leitura feita de acordo com os nossos modelos, o que descola um pouco em relação aos modelos que se apresentam.

Sr. Fabio Zagatti (Barclays Capital): Tá ótimo Rogério, obrigado. E na segunda pergunta é um tema mais legal de ser falado, vocês podem nos dar um *update* do programa de eficiência? Eu acho que a negociação de orçamento com as áreas terminaria supostamente no final de abril, ela foi concluída? E se já foi, quer dizer, todas as áreas estão rodando com os *guidances* de melhora de receita e de custo? Obrigado.

Sr. Rogério Calderón (Itaú Unibanco): Sim, as áreas apresentaram os seus programas, têm as suas metas definidas, essas metas estão sendo irrigadas agora para os vários níveis de administradores do banco, e elas se direcionam para essa meta que nós anunciamos de 250 *basis points* no final do ano.

Sr. Fabio Zagatti (Barclays Capital): Perfeito, Rogério. Obrigado.

Sr. Rogério Calderón (Itaú Unibanco): Obrigado.

Sr. Gustavo Schrodén (BES): Bom dia, obrigado pela oportunidade. Na realidade a minha pergunta já foi parcialmente respondida. Eu só queria, se possível, mensurar o quanto essa redução em veículos têm de expectativa de deterioração na qualidade de crédito?

Sr. Rogério Calderón (Itaú Unibanco): Não há uma vinculação direta nisso, a qualidade de crédito dessa carteira é muito boa. Você sabe que a maior parte da nossa originação é em veículos novos, esse é um crédito muito *clean* do nosso lado, e a redução dos volumes verificados no primeiro trimestre já está dada, já está

computada nos níveis de inadimplência que a gente observou e já fez. Não é esperado que esse volume continue se verificando, até ontem ou anteontem saíram as notícias sobre o balanço das vendas dos veículos no mês de abril e eles foram, de fato, um volume recorde - um pedaço desse volume, inclusive, já deve estar voltando em abril. Bem-vindo ao *call* Gustavo.

Sr. Gustavo Schroden (BES): Obrigado e bom dia.

Sr. Henrique Navarro (Santander): Bom dia a todos, obrigado pela oportunidade. Primeiro sobre a carteira de veículos, essa pequena queda que houve no trimestre, eu queria saber se o pior das medidas macroeconômicas já aconteceu e já está incorporada nessa queda do portfólio? Ou seja, se nos próximos trimestres a gente deve imaginar essa carteira de veículos evoluindo de uma maneira normal? E se for assim, o que é um ritmo normal de evolução dessa carteira de veículos para vocês nos próximos trimestres? E também na pequena e média empresa, que é um dos focos do Itaú para 2011, vocês tiveram uma performance boa de crescimento, mas os outros bancos também estão focando muito forte nisso. Eu tenho ouvido algumas histórias de que o *spread* está muito agressivo nesse segmento. Eu queria que você me dissesse um pouco da estratégia que vocês estão adotando para ganhar *market share* e como é que está a competição em termos de *spread no front*?

Sr. Rogério Calderón (Itaú Unibanco): Em relação a veículos houve uma queda expressiva no volume originado no primeiro trimestre. As novas concessões de financiamento e *leasing* somaram um pouco acima de R\$ 6,0 bilhões no primeiro trimestre, o que representa uma redução de 30% em relação ao volume de dezembro (do trimestre findo em dezembro), que naturalmente é mais forte. Eu diria que ano sobre ano nós temos 15% de redução no volume e foi mais ou menos o que se verificou entre 10% a 15% de redução, fruto das medidas macroprudenciais. Quando a gente olha para frente começa uma recuperação, nós temos uma estimativa de que olhando o saldo, esse saldo que você se referiu a pouco e que ele não se moveu no trimestre, eu acho até que cai ligeiramente, quase nada, mas cai, ele vai crescer alguma coisa entre 5% a 8%. Isso não é exclusivamente fruto das medidas macroprudenciais, lembre-se que essa é uma carteira extremamente estável para nós, é uma carteira muito grande, é uma carteira já em um grau de estabilidade forte, e eu sempre lembro um número importante, para que nós mantenhamos o saldo nós precisamos de uma originação da ordem de R\$ 2,5 bilhões por mês apenas para manter o saldo. Então crescer 5% a 8% nessa carteira é um crescimento bem forte, dado o grau de estabilidade dela. A segunda parte da sua pergunta, Henrique, se refere a pequena e média, não é isso?

Sr. Henrique Navarro (Santander): Exato.

Sr. Rogério Calderón (Itaú Unibanco): Muito bem, de fato vários outros concorrentes, se apercebendo desse mercado, se moveram, é natural, esse é o movimento natural da economia brasileira, e é um mercado que é um dos nossos focos. Nós continuamos fortes, montamos uma estrutura de distribuição muito forte para atender esse segmento. Esse segmento para nós é distribuído em quatro subsegmentos, eles dependem do tamanho das empresas e nós considerando as



circunstâncias atuais, os riscos maiores nas áreas, nós movemos a nossa originação para a parte superior desse segmento para as pequenas, médias e grandes empresas, e menos nas micro nesse momento. O mercado não tem se deteriorado em termos de concorrência e preço, pelo contrário, na originação está maior até porque os riscos aumentaram, é uma questão de você se posicionar adequadamente em relação a preço e em relação aos segmentos, dado o risco e o que se pretende absorver.

Sr. Henrique Navarro (Santander): Ok, obrigado.

Sr. Alfredo Setubal (Itaú Unibanco): Eu gostaria de ratificar o que o Rogério comentou ao longo das respostas, não estamos vendo nenhum cenário que teremos uma grande deterioração da economia brasileira e que se refletirá na nossa operação, principalmente, nas nossas operações de crédito. Nós temos falado desde o início do ciclo de alta de juros do Banco Central que nós a partir daquele momento esperávamos uma deterioração pequena na carteira de crédito, acho que isso vem ocorrendo lentamente em algumas dessas carteiras, o *mix* continua muito favorável em função de negócios que geram menos inadimplência. Continuamos dessa forma bastante otimistas, achamos que a economia brasileira vai crescer algo entre 3,5% e 4% ao ano, é um cenário bastante positivo ainda para a operação bancária, isso gera bastante negócios com clientes. A nossa expectativa, como foi comentado, é que a nossa NIM volte para os patamares anteriores ao longo dos próximos trimestres. Enfim, vemos um cenário de um modo geral bastante positivo para a operação bancária. Como o Rogério comentou, isso tudo tem que ser considerado e colocado no preço principalmente dos empréstimos, os *spreads*, os *spreads* subiram em função desse ambiente um pouco pior, mas, de qualquer forma, continuamos bastante positivos com relação ao desempenho do banco para este ano. Temos em seguida o *conference call* em inglês, para aqueles que quiserem acompanhar também, às 11h. Agradeço a participação recorde de vocês no nosso *conference call* de hoje. Obrigado.

Operadora: A audioconferência do Itaú Unibanco Holding está encerrada. Agradecemos a participação de todos e tenham um bom dia.
